



ALEMANHA

A extrema-direita mostra as garras

Partido anti-imigração, suspeito de ligações neonazistas, vence eleição e pode governar um estado pela primeira vez desde a derrota de Hitler na 2ª Guerra Mundial. Nos planos, o comando do país em 2029, ou antes

» SILVIO QUEIROZ

Alemanha começa a semana diante de um dilema político que vem tentando adiar, mas que se apresenta de maneira dramática com o resultado da eleição legislativa de ontem no estado de Saxônia-Anhalt, na metade comunista em que o país ficou dividido do fim da 2ª Guerra, em 1945, e a reunificação, em 1990. O partido anti-imigração Alternativa para a Alemanha (AfD) saiu das urnas com cerca de 44% dos votos e a possibilidade real de conquistar a maioria absoluta e governar a região. Caso consiga, será a primeira vez que uma força de extrema-direita, apontada pelos adversários como ao menos permeável ao neonazismo terá uma responsabilidade de governo — ainda que regional — desde a derrota de Adolf Hitler.

“Fizemos história”, declarou o líder regional da AfD, Ulrich Siegmund, à emissora ARD. “Precisamos de uma mudança política fundamental neste país, com uma política que finalmente volte a cuidar dos nossos próprios interesses”, acrescentou. Segundo os costumes políticos da Alemanha, Siegmund deveria ser convocado para formar o novo governo estadual. Mas, segundo as projeções apresentadas no fim da noite, seu partido deveria eleger 42 deputados do parlamento local, três a menos que a maioria absoluta necessária para fazê-lo governador.

Os resultados têm sabor especialmente amargo para a União Democrata Cristã (CDU), partido do chanceler (chefe do governo federal) Friedrich Merz. O atual governador, Sven Schulze, viu sua

legenda perder mais da metade dos votos obtidos há cinco anos (de 37% para 17,5%), e resignou-se à derrota histórica. “Muitos dizem que este é um dia obscuro para a Saxônia-Anhalt. Digo que é a democracia”, afirmou.

A CDU, de Merz, tem pela frente a chance de barrar a ascensão da AfD ao governo em Magdeburgo, a capital regional, costurando uma aliança — improvável — com todas as demais forças representadas no parlamento regional. Isso inclui o Partido Social Democrata (SPD), a Esquerda e os Verdes, com os quais mantêm diferenças profundas em múltiplos temas. Ainda assim, é uma opção que dependia, ontem, da distribuição definitiva das cadeiras, considerando que forças como o Partido Liberal Democrata (FDP, de centro) ficariam fora do Legislativo local, com votação abaixo da cláusula de barreira de 5%.

“Corta-fogo”

Os resultados da Saxônia-Anhalt desafiam a política da *brandmauer*, algo como “muro corta-fogo”, pela qual os demais partidos rejeitam compor coalizão ou mesmo cooperar no parlamento com a AfD. A mesma orientação valeu por três décadas contra a Esquerda, que reúne ex-comunistas alemães-orientais e dissidentes da social-democracia, até que conquistaram o governo da Turíngia, também na antiga metade comunista do país.

O candidato da extrema-direita a governar o estado, Ulrich Siegmund, ofereceu ontem uma “mão estendida” às demais forças, em nome de evitar um impasse

Ronny Hartmann/AFP



Festa da Alternativa para a Alemanha mira a conquista do poder no governo federal: “Começa aqui”

45%

Votação obtida pela Alternativa para a Alemanha na eleição para o governo do estado da Saxônia-Anhalt, na antiga metade comunista do país

político prolongado e sem saída. Alice Weidel, copresidente federal do partido, foi mais explícita e se dirigiu “à CDU, ou a uma parte da CDU” para que abra negociações.

A “quarentena” política imposta informalmente à AfD tem base nas pesquisas recentes de alcance federal. A extrema-direita emergiu da eleição legislativa de fevereiro de 2025, vencida pela CDU, como a segunda força política do Bundestag (parlamento). O chanceler Merz tem mandato até 2029, mas se enfrentasse as urnas hoje, sairia

derrotado: a AfD aparece com 28%, contra 21% da democracia-cristã, resultado exatamente inverso ao de ano e meio atrás.

Caso assuma o governo regional, a extrema-direita promete restringir fortemente a imigração, inclusive com a formação de um corpo policial destinado a deportar estrangeiros irregulares e barrar a chegada de novos. Os planos incluem segregar nas escolas os filhos de imigrantes e instruí-los quanto à permanência apenas provisória no país.

Personagem da notícia

Na onda da “ostalgia”

Ulrich Siegmund usa e abusa da imagem favorável de um ex-vendedor de perfumes de 35 anos, de aparência afável e afeito ao contato corpo-a-corpo com os eleitores. Nasceu em 1990, o ano que terminou com a Alemanha reunificada, após quatro décadas de Guerra Fria. Pouco conheceu a Alemanha Oriental comunista, mas soube se apoderar de um sentimento que os últimos 40 anos não conseguiram apagar. O carismático líder da Alternativa para a Alemanha (AfD) pode ser visto, sorridente, passeando com uma motoneta vintage dos tempos do regime socialista. É um dos símbolos da *ostalgie*, que pode ser traduzida como “nostalgia do Leste” (Ost, em alemão).

Nos primeiros anos desde a queda do Muro de Berlin, em 1989, e a vertiginosa assimilação pela próspera metade ocidental capitalista, os remanescentes do Partido Comunista foram herdeiros do voto de protesto dos ‘*ossis*’ (os ex-alemães-orientais), frustrados com a desigualdade social.

Com o discurso anti-imigração, a AfD ocupou esse nicho, ao passo em que os neocomunistas se integravam ao *establishment* político. Siegmund, com seu figurino e seu discurso, encarna uma extrema-direita que avança para se tornar a primeira força política também na esfera federal.

» Entrevista | VICTOR CAIRO | EMBAIXADOR DE CUBA

“Nunca renunciaremos a construir o socialismo”

» SILVIO QUEIROZ

Desde que assumiu as funções, em março, o embaixador de Cuba tem mantido uma rotina intensa de visitas pelo país, parte do empenho do governo de Havana para contrapor a diplomacia ao cerco energético imposto por Donald Trump depois de capturar em Caracas o presidente Nicolás Maduro e assumir o controle sobre o petróleo da Venezuela, que abastecia a ilha. “O momento que atravessamos é um dos mais complexos que o nosso povo viveu nos últimos 70 anos”, disse Victor Cairo em entrevista ao *Correio*.

Foi nessas condições que os cubanos celebraram, em meados de agosto, o centenário de nascimento de Fidel Castro, líder histórico da revolução de 1959.

Formado em direito e desde 2006 na carreira diplomática, o embaixador analisa nesse contexto o recente pacote de reformas econômicas. Admite uma dose de inspiração nas experiências da China e do Vietnã, mas frisa: “Nosso socialismo terá de construir o próprio modelo”.

Grato pelo apoio do governo e dos movimentos sociais brasileiros, Victor Cairo proclama: “Cuba não está sozinha”.

Cuba celebrou o centenário de Fidel Castro no momento mais difícil em quase sete décadas da Revolução. Isso marcou as comemorações?

A celebração foi um sucesso. A obra e o pensamento de Fidel foram reconhecidos em Cuba e em várias partes do mundo. O momento atual é um dos mais complexos que o nosso povo viveu nos últimos 70 anos, sob impacto da política de asfixia do governo dos EUA. Mas essa complexidade não é vivida apenas pelo povo cubano. Nessas circunstâncias, tem sido importante refletir sobre Fidel e procurar nas suas ideias respostas para este momento difícil que a humanidade enfrenta.

A Assembleia Nacional aprovou recentemente um ambicioso pacote de reformas econômicas. Em que medida elas impactam o futuro do país?

As medidas que adotamos fazem parte de um processo de modernização do nosso sistema econômico e social, que vem decorrendo há vários anos. Foram tomadas num contexto em que os EUA impuseram um bloqueio ao nosso abastecimento de combustível e concentram seus ataques em enfraquecer nosso sistema energético. No entanto, não ficamos parados à espera de que o governo dos EUA deixe de cometer o genocídio. As medidas visam a criar condições para aumentar a prosperidade do nosso povo, liberar

Embaixada de Cuba no Brasil/Divulgação



O futuro de Cuba dependerá dos cubanos, não dos interesses das grandes empresas dos EUA nem dos políticos anticubanos ultrapassados da Flórida”

Nosso socialismo terá de construir o próprio modelo”

as forças produtivas e estabelecer uma aliança entre todos os agentes econômicos, que potencie a geração de riqueza. Nunca renunciaremos à construção de uma sociedade socialista nem às conquistas da nossa revolução.

A pressão do governo Donald Trump influi nesse processo?

As transformações constituem um processo que se vem realizando no pleno exercício da nossa soberania. Não são o resultado de

negociações com nenhuma potência. Abrem oportunidades para que empresários nacionais, estrangeiros e cubanos residentes no exterior ampliem sua presença no país. O futuro de Cuba dependerá dos cubanos, não dos interesses das grandes empresas dos EUA nem dos políticos anticubanos ultrapassados da Flórida.

Quanto têm as reformas de inspiração em processos como os da China e do Vietnã?

A atualização do modelo econômico cubano se arrasta há vários anos. Fidel nos legou um conceito de revolução que continua muito atual: revolução é mudar tudo que deve ser mudado e é o sentido do momento histórico. A Revolução Cubana triunfou a apenas 90 milhas do império. Após o colapso do bloco socialista, pensava-se que o socialismo cubano não resistiria, mas resistiu. Há muitos anos estudamos outras experiências na construção do socialismo. Não existe um modelo único. Tanto a China quanto o Vietnã apresentam processos que avançam com sucesso, cada um com suas particularidades. No entanto, nosso socialismo terá de construir o próprio modelo, tendo em conta essas dinâmicas, mas sem ignorá-las.

Até que ponto pode-se dizer que Cuba estaria “isolada” externamente?

Cuba não está isolada. Cuba não está sozinha. A imensa maioria dos povos está ao lado de Cuba contra o bloqueio genocida. Este governo dos EUA recorreu a todo tipo de

chantagem para tentar isolar Cuba, e apenas alguns cederam. Vimos empresas abandonarem Cuba por receio de serem sancionadas. Vimos governos romperem laços para responder aos interesses do secretário de Estado. Mas são manifestações insignificantes face ao poder que a solidariedade com Cuba tem no mundo. O governo dos EUA promulgou decretos executivos que violam o direito internacional. Criminalizou a solidariedade. Mas não se pode matar as ideias, nem a solidariedade pode ser bloqueada.

Como o senhor vê os esforços do governo e da sociedade brasileira para enviar ajuda à ilha?

O Brasil tem apoiado Cuba nesses momentos difíceis. Recebemos recentemente 48 toneladas de leite em pó doadas pelo governo brasileiro. Também recebemos medicamentos. O que os movimentos sociais fazem é impressionante. O Movimento dos Sem-Terra acaba de entregar 7,6 toneladas de medicamentos. É emocionante ver como os viajantes brasileiros que vão a Cuba levam malas com medicamentos, material médico e sementes para a produção de hortaliças e alimentos. Existe um movimento de solidariedade com Cuba, muito difundido por todo o Brasil, que é bastante ativo e que reúne associações profissionais, sindicatos, organizações não governamentais, artistas e intelectuais, bem como a sociedade civil em geral. Estamos certos de que toda essa força solidária a Cuba que existe no Brasil não permitirá que nosso povo fique sozinho.